

束

J. R. R. Tolkien

CHRISTOPHER TOLKIEN

John Howe, Alan Lee e Ted Nasmith

Jorge Lima

၌ ပဇာ်က ယၢ်ကံ ဟံးကံ ယၢ်ကံ နံ ငံးကံ ကံးကံးကံ နံ ကံ ယၢ်ကံ
 နံးကံ ယၢ်ကံ နံ ငံးကံ ကံးကံးကံ နံ ကံ ယၢ်ကံ
 နံးကံ ယၢ်ကံ နံ ငံးကံ ကံးကံးကံ နံ ကံ ယၢ်ကံ

ÍNDICE

Lista de gravuras	11
Introdução	15

PRIMEIRA PARTE: A PRIMEIRA ERA

I SOBRE TUOR E A SUA IDA PARA GONDOLIN	35
Notas	71
II NARN I HÎN HÚRIN	77
A Infância de Túrin	77
As Palavras de Húrin e Morgoth	86
A Partida de Túrin	88
Túrin em Doriath	96
Túrin entre os Fora da Lei	106
De Mîm, o Anão	117
O Regresso de Túrin a Dor-lómin	126
A Chegada de Túrin a Brethil	131
A Viagem de Morwen e Nienor para Nargothrond	135
Nienor em Brethil	144
A Chegada de Glaurung	148
A Morte de Glaurung	156
A Morte de Túrin	164
Notas	169
Apêndice	173

SEGUNDA PARTE: A SEGUNDA ERA

I	DESCRIÇÃO DA ILHA DE NÚMENOR	189
	<i>Mapa de Númenor</i>	190
	Notas	196
II	ALDARION E ERENDIS	198
	Notas	239
III	A LINHAGEM DE ELROS: REIS DE NÚMENOR	245
	Notas	251
IV	A HISTÓRIA DE GALADRIEL E CELEBORN	
	e de Amroth, Rei de Lórien	256
	Notas	282
	Apêndices	
	Apêndice A Os Elfos Silvestres e a Sua Língua	285
	Apêndice B Os Príncipes Sindarin dos Elfos Silvestres	287
	Apêndice C Os Limites de Lórien	289
	Apêndice D O Porto de Lond Daer	290
	Apêndice E Os Nomes de Celeborn e Galadriel	295

TERCEIRA PARTE: A TERCEIRA ERA

I	O DESASTRE DOS CAMPOS DE LIS	299
	Notas	306
	Apêndice (Medidas Lineares Númenóreanas)	313
II	CIRION E EORL E A AMIZADE ENTRE GONDOR E ROHAN	316
	(i) Os Homens do Norte e os Quadrigários	316
	(ii) A Viagem de Eorl	323
	(iii) Cirion e Eorl	328
	(iv) A Tradição de Isildur	336
	Notas	339
III	A DEMANDA DE EREBOR	348
	Notas	354
	Apêndice (Nota sobre os textos, e extratos da versão mais antiga)	355

CONTOS INACABADOS

IV A CAÇA AO ANEL	365
(i) Da Viagem dos Cavaleiros Negros, segundo o relato feito dela a Frodo por Gandalf	365
(ii) Outras Versões da História	370
(iii) A Respeito de Gandalf, Saruman e o Shire	377
Notas	381
V AS BATALHAS DOS VAUS DO ISEN	384
Notas	393
Apêndice	396

QUARTA PARTE

I OS DRÚEDAIN	405
Notas	413
II OS ISTARI	416
Notas	429
III AS PALANTÍRI	432
Notas	441
Índice remissivo	445

ILUSTRAÇÕES

Mapa de Beleriand e das Terras ao Norte*	1. ^a guarda <i>entre páginas</i>
1. Tuor Foge da Fúria do Mar (Lee)	48-49
2. Ele Teve Uma Visão de Gondolin no Meio da Neve (Nasmith)	64-65
3. Glaurung e Azaghâl (Howe)	96-97
4. Amon Rûdh (Nasmith)	120-121
5. Glaurung Sai de Nargothrond (Lee)	144-145
6. Beleg Aproxima-se de Amon Rûdh (Howe)	176-177
7. Eldalondë, o Verde (Lee)	192-193
8. Aldarion Retorna da Sua Primeira Viagem (Nasmith)	200-201
9. Os Númenóreanos Navegam para a Terra-média (Howe)	248-249
10. Galadriel e Celeborn no Lago do Crepúsculo (Nasmith)	264-265
11. Amroth e Nimrodel (Lee)	272-273
12. A Batalha de Dagorlad (Howe)	288-289
13. O Juramento de Cirion e Eorl (Nasmith)	336-337
14. Um Encontro Casual (Lee)	352-353
15. A Caçada pelo Anel (Howe)	368-369
16. A Primeira Batalha dos Vaus do Isen (Lee)	384-385
17. Os Drúedain na Floresta de Haleth (Howe)	408-409
18. A Jornada dos Magos Azuis para o Leste (Nasmith)	416-417

Mapa do Oeste da Terra-média no Final da Terceira Era*	2. ^a guarda
--	------------------------

* Mapa por Christopher Tolkien

NOTA

Foi necessário distinguir o autor do editor de diferentes formas em diferentes partes deste livro, uma vez que a incidência de comentários é bastante diversificada. O autor aparece com uma letra maior nos textos primários em toda a parte; se o editor interfere num desses textos, está com uma letra menor e recolhido. Nos Apêndices (e também em «O Curso Seguinte da Narrativa» de «Aldarion e Erendis», a partir da p. 231), tanto o autor como o editor estão com uma letra menor e as citações do autor estão recolhidas (exemplo, p. 173).

As notas dos textos dos Apêndices estão como notas de rodapé e não como referências numeradas; e qualquer anotação dum texto pelo próprio autor, nalgum ponto em específico, é indicada, em todo o livro, como «[Nota do Autor]».

INTRODUÇÃO

São de difícil resolução os problemas de quem vê ser-lhe atribuída a responsabilidade pelos escritos de um autor já falecido. Alguns dos que se veem nessa posição podem optar por não disponibilizar para publicação material algum, com a possível exceção do que se encontrasse virtualmente concluído por ocasião da morte do autor. No caso dos escritos inéditos de J. R. R. Tolkien, esta poderá afigurar-se, à primeira vista, a escolha mais acertada, uma vez que a ele próprio, particularmente crítico e rigoroso relativamente à sua obra, não lhe passaria pela cabeça permitir que nem as mais finalizadas narrativas deste livro fossem dadas à estampa sem um refinamento muito mais aturado.

Por outro lado, a natureza e o âmbito das suas criações parecem-me colocar numa posição peculiar até mesmo as histórias por si mesmo abandonadas. A possibilidade de *O Silmarillion* permanecer desconhecido nem se me colocava, não obstante o seu estado desordenado, bem como as intenções conhecidas, ainda que, em grande medida, não verificadas, do meu pai a seu respeito. Assim sendo, atrevi-me, após longa hesitação, a apresentar a obra, não sob a forma de um estudo histórico, um complexo de textos divergentes interligados pelo comentário, mas de uma entidade completada e coesa. As narrativas deste livro são, na verdade, de uma natureza inteiramente distinta: tomadas em conjunto, não constituem um todo, e a obra mais não é do que uma coleção de escritos, díspares na forma, intenção, acabamento e data de conclusão (bem como no próprio tratamento que lhes dei), incidindo sobre Númenor e a Terra-média. Mas a argumentação a favor da respetiva publicação não difere, na sua natureza, não sendo embora tão forte, daquela em que me sustentei

para justificar a publicação de *O Silmarillion*. Aqueles que nunca abdicariam das imagens de Melkor, acompanhado de Ungoliant, olhando do cume do Hyarmentir «os campos e pastos de Yavanna, dourados sob o trigo alto dos deuses»; das sombras da hoste de Fingolfin geradas pelo primeiro nascer da Lua no Oeste; de Beren acoitando-se sob a forma de lobo sob o trono de Morgoth; ou da luz da Silmaril subitamente revelada no negrume da Floresta de Neldoreth – esses acharão, assim o creio, que as imperfeições de forma destes contos são claramente compensadas pela voz (ouvida agora pela última vez) de Gandalf, espicaçando o arrogante Saruman na reunião do Conselho Branco do ano 2851, ou descrevendo, em Minas Tirith, após o termo da Guerra do Anel, como enviou os Anãos à célebre festa de Fundo-do-Saco; pela ascensão a partir do mar de Ulmo, Senhor das Águas, em Vinyamar; por Mablung de Doriath escondendo-se «como um rato», debaixo das ruínas da ponte, em Nargothrond; ou pela morte de Isildur, tentando libertar-se da lama do Anduin.

Muitos dos textos constantes desta recolha constituem elaborações de matérias contadas de forma mais breve, ou pelo menos mencionadas, alhures; e deve advertir-se desde já que boa parte do que se encontrará no livro será tido por pouco gratificante pelos leitores de *O Senhor dos Anéis* que, adeptos da ideia de que a estrutura histórica da Terra-média representa um meio e não um fim, o modo da narrativa e não a sua finalidade, pouco desejo nutrem por uma exploração aprofundada, por si só; não estarão porventura interessados em saber de que forma os Cavaleiros da Marca de Rohan se organizavam; e de bom grado deixariam onde os encontraram os Homens Selvagens da Floresta do Drúadan. O meu pai decerto não os acharia destituídos de razão. Afirmou ele, numa carta datada de março de 1955, anterior à publicação do terceiro volume de *O Senhor dos Anéis*:

Quem me dera agora que não tivessem sido prometidos quaisquer apêndices! É que julgo que o seu aparecimento sob forma truncada ou comprimida não satisfará ninguém; certamente, não a mim próprio; e manifestamente, a avaliar pela infinidade de cartas que recebo, tão-pouco agradecerão àqueles leitores a quem apraz esse tipo de coisas – surpreendentemente muitos; ao passo que aqueles que desfrutaram do livro enquanto «romance heroico» apenas, e consideram as «perspetivas inexplicadas» parte integrante do efeito literário, não darão atenção aos apêndices, e muito acertadamente.

Não estou agora inteiramente certo de que a tendência para tratar a totalidade da questão como uma espécie de jogo de grande abrangência seja de facto positiva – certamente, não o é para mim, que considero esse tipo de abordagem apenas fatalmente atraente. Constitui, suponho, um tributo ao curioso

efeito exercido pela história, quando esta se baseia em elementos muito elaborados e pormenorizados nos campos da geografia, cronologia e linguagem, levando muitos a clamar por «informação», ou «tradição».

Numa carta do ano seguinte dizia:

... se muitos de vós exigem mapas, outros preferem indicações geológicas, mais do que locais; muitos pretendem obter gramáticas, fonologias e espécimes élficos; alguns querem métricas e prosódias... Os músicos esperam melodias e notação musical; os arqueólogos, cerâmica e metalurgia; os botânicos reclamam uma descrição mais rigorosa de *mallorn*, *elanor*, *niphredil*, *alfirin*, *mallos* e *symbelmyne*; os historiadores solicitam mais pormenores relativamente à estrutura social e política de Gondor; os curiosos, em geral, pedem informação acerca dos Quadrigários de Harad, das origens dos Anãos, dos Homens Mortos, dos Beornenses e dos dois (de cinco) feiticeiros desaparecidos.

Qualquer que seja, porém, o ponto de vista através do qual se aborde esta questão, para alguns, mormente para mim próprio, há um valor maior do que o da mera descoberta de pormenores em exemplos como o da revelação de que Vëantur, o Númenóreano, trouxe o seu navio *Entulesse*, o «Regresso», para os Portos Cinzentos impulsionado pelos ventos primaveris do seiscentésimo ano da Segunda Era; que o túmulo de Elendil, o Alto, foi construído por Isildur, seu filho, no cume do monte-farol Halifirien; que o Cavaleiro Negro avistado pelos Hobbits no negrume enevoado do lado oposto da balsa de Fortecorço era Khamûl, comandante dos Espectros do Anel de Dol Guldur; ou mesmo que a infecundidade de Tarannon, duodécimo Rei de Gondor (facto registado num Apêndice de *O Senhor dos Anéis*), estava associada aos até então inteiramente misteriosos gatos da rainha Berúthiel.

A construção deste livro foi difícil e ele resulta, por isso, algo complexo. As narrativas estão todas «inacabadas», mas em grau maior ou menor, e em diferentes aceções da palavra, tendo exigido diferentes tratamentos; direi algo mais abaixo, a seu tempo, sobre cada uma e chamo aqui a atenção para apenas algumas características gerais.

A mais importante é a questão da «consistência», especialmente bem ilustrada na secção intitulada «A História de Galadriel e Celeborn». Esta é um «Conto Inacabado» num sentido mais lato: não se trata de uma narrativa abruptamente interrompida, como no caso de «Sobre Tuor e a Sua Ida para Gondolin», nem de uma série de fragmentos, como no caso de «Cirion e Eorl», mas sim de um fio narrativo principal na história da Terra-média que nunca mereceu uma definição consolidada, e muito menos uma forma escrita final. A inclusão das

narrativas não publicadas e dos esboços de narrativa relativos a este tema implica por isso, desde logo, a aceitação da história não como uma realidade fixa e de existência independente que o autor «relata» (na sua dupla *persona* de tradutor e redator), mas como uma conceção crescente e mutável na sua mente. Quando o autor cessou de publicar ele próprio as suas obras, depois de as sujeitar às suas próprias críticas e comparações pormenorizadas, o conhecimento adicional da Terra-média que se pode encontrar nos seus escritos não publicados entrará frequentemente em conflito com aquilo que já é «conhecido»; e novos elementos acrescentados ao edifício já existente tenderão, nesses casos, a contribuir menos para a história do mundo inventado, propriamente dito, do que para a história da respetiva invenção. Neste livro, aceitei desde o início que assim tem de ser; e, com exceção de pormenores pouco relevantes, tais como mudanças de nomenclatura (nas quais a retenção da forma manuscrita conduziria a uma confusão desproporcionada ou a um tempo excessivo consumido na elucidação), não realizei quaisquer alterações para efeitos de consistência com obras publicadas, antes chamei sistematicamente a atenção para conflitos e variações. Deste ponto de vista, portanto, *Contos Inacabados* é essencialmente distinto de *O Silmarillion*, em que o objetivo principal, posto que não exclusivo, na edição, foi o de assegurar coesão, tanto interna como externa; e, com exceção de uns quantos casos especificados, tratei de facto a forma publicada de *O Silmarillion* como um ponto de referência fixo da mesma ordem que os escritos publicados pelo meu pai, ele próprio, sem levar em conta as inúmeras decisões «não autorizadas» entre variantes e versões rivais que tiveram lugar na sua elaboração.

Em termos de conteúdo, este livro é de natureza inteiramente narrativa (ou descritiva): excluí todos os escritos relativos à Terra-média e a Aman que se revistam de natureza fundamentalmente filosófica ou especulativa e, onde estas questões emergiram de tempos a tempos, não lhes dei seguimento. Impus uma estrutura simples ditada pela conveniência, dividindo os textos em Partes correspondentes às primeiras Três Eras do Mundo, implicando isto, inevitavelmente, alguma sobreposição, como acontece com a lenda de Amroth e a sua abordagem em «A História de Galadriel e Celeborn». A Quarta Parte é um anexo ou apêndice, e pode requerer alguma justificação numa obra designada *Contos Inacabados*, visto que os trechos que contém são ensaios generalizados e discursivos com pouco ou nenhum elemento de «estória». A secção sobre os Drúedain deveu de facto a sua inclusão original à história de «A Pedra Fiel», que constitui uma pequena parte dela; e esta secção levou-me a introduzir as que versam os Istari e as Palantíri, visto que representam (em especial os primeiros) temas relativamente aos quais muitos leitores têm expressado curiosidade, parecendo este livro um local adequado para explicar o que há a dizer.

As notas poderão, em alguns casos, parecer demasiado abundantes, mas tornar-se-á claro que, onde a sua densidade seja especialmente elevada (como no caso de «O Desastre dos Campos de Lis»), tal se fica a dever menos ao editor do que ao autor, o qual, na sua obra mais tardia, tendia a compor desta forma, tratando diversos temas em simultâneo por meio de notas interligadas. Envidei esforços ao longo de todo o livro para destrinçar aquilo que é ou não de natureza editorial. E, devido a esta abundância de material original nas notas e apêndices, pareceu-me mais adequado não restringir as referências de páginas no Índice aos textos propriamente ditos, mas abranger todas as partes do livro, com exceção da Introdução.

Ao longo de todo o meu trabalho, dei por adquirido, da parte do leitor, um conhecimento razoável da obra publicada do meu pai (mais especificamente *O Senhor dos Anéis*), visto que não o fazer teria implicado aumentar consideravelmente o elemento editorial, o qual bem poderá já ser considerado suficiente. Incluí, não obstante, breves definições junto de todas as entradas principais do Índice, na esperança de poupar o leitor a constantes referências a outras fontes. Onde possa ter sido menos apto em alguma explicação, ou involuntariamente obscuro, a obra *The Complete Guide to Middle-earth*, de Robert Foster, constituirá, como pude atestar recorrendo frequentemente à sua consulta, uma admirável obra de referência.

As referências a *O Silmarillion* indicam apenas as páginas; as referências a *O Senhor dos Anéis* fazem-se por título do volume, livro e capítulo.

Seguem-se notas essencialmente bibliográficas às unidades individuais.

* * *

PRIMEIRA PARTE

I

Sobre Tuor e a Sua Ida para Gondolin

O meu pai afirmou por mais do que uma vez que «A Queda de Gondolin» foi o primeiro dos contos da Primeira Era a ser escrito, e nenhum indício contradiz a sua rememoração. Em missiva de 1964, afirmava tê-lo escrito «da minha própria cabeça», durante uma baixa por doença do exército, em 1917», tendo noutras ocasiões adiantado as datas de 1916 ou de 1916-1917. Numa carta dirigida a mim, datada de 1944, afirmava: «Comecei a escrever [*O Silmarillion*] em abrigos militares apinhados, no meio do ruído dos gramofones»; e, na verdade,

alguns versos nos quais surgem mencionados os Sete Nomes de Gondolin foram rabiscados no verso de um pedaço de papel onde se define «a cadeia de responsabilidade num batalhão». O manuscrito mais antigo conserva-se ainda, preenchendo dois pequenos cadernos escolares; foi escrito rapidamente a lápis, e depois, em boa parte da sua extensão, sobrescrito a tinta, intensamente emendado. Com base neste texto, a minha mãe, ao que parece em 1917, elaborou uma cópia apurada; mas esta, por sua vez, foi ainda substancialmente corrigida, em momento que não me é possível determinar, mas provavelmente em 1919-20, quando o meu pai se encontrava em Oxford ocupado com o seu então ainda inacabado Dicionário.

Na primavera de 1920, foi convidado a fazer uma dissertação perante o Essay Club da sua universidade (Exeter), e leu «A Queda de Gondolin». As notas relativas ao que pretendia dizer à guisa de introdução ao seu «ensaio» chegaram aos nossos dias. Nelas, desculpava-se por não lhe ter sido possível redigir um artigo de cariz crítico, e prosseguia: «Vejo-me, por isso, obrigado a ler algo já escrito e, movido pelo desespero, recorri a este Conto. Nunca foi, evidentemente, publicado... Um ciclo completo de eventos ocorridos numa Elfinesse por mim imaginada tem crescido (ou, melhor dito, tem sido construído) no meu pensamento. Alguns dos episódios foram já esboçados no papel... Este conto não é o melhor deles, mas é o único até agora alvo de revisão e que, por isso, me atrevo a ler em voz alta.»

O conto sobre Tuor e os Exilados de Gondolin (como «A Queda de Gondolin» é intitulado nos manuscritos iniciais) permaneceu muitos anos intocado, não obstante o meu pai, em determinado momento, provavelmente entre 1926 e 1930, ter escrito uma versão breve e compacta da história, de modo a figurar como parte integrante de *O Silmarillion* (título, já agora, que viu a luz do dia na sua carta ao *The Observer* de 20 de fevereiro de 1938); tendo sido subsequentemente alterada para a harmonizar com conceções modificadas noutras partes do livro. Muito mais tarde, começou a trabalhar numa narrativa inteiramente reformulada, intitulada «Sobre Tuor e a Queda de Gondolin». Afigura-se provável que este conto tenha sido escrito em 1951, quando *O Senhor dos Anéis* foi concluído, mas a publicação deste estava em dúvida. Profundamente alterado em termos de estilo e de rumos narrativos, mas mantendo muitos dos elementos essenciais da história escrita na sua juventude, «Sobre Tuor e a Queda de Gondolin» teria apresentado em grande detalhe toda a lenda que constitui o breve vigésimo terceiro capítulo de *O Silmarillion* de facto publicado; lastimavelmente, porém, não foi além da vinda de Tuor e Voronwë até à última porta e do avistamento por Tuor de Gondolin na planície de Tumladen. Sobre as suas razões para o abandonar não há quaisquer indícios.

Esse é o texto aqui apresentado. Para evitar confusão, renomeei-o «Sobre Tuor e a Sua Ida para Gondolin», visto nada contar acerca da queda da cidade. Como sempre acontece com os escritos do meu pai, existem variantes de leitura e, numa secção curta (aproximação ao rio Sirion e o seu atravessamento por Tuor e Voronwë), diversas formas concorrentes; algum trabalho editorial de pequena monta revelou-se, por isso, necessário.

Dá-se, assim, o facto notável de a única descrição completa alguma vez escrita pelo meu pai da estada de Tuor em Gondolin, da sua união com Idril Celebrindal, do nascimento de Eärendil, da traição de Maeglin, do saque da cidade e da evasão dos fugitivos – uma história que constituía um elemento central do modo como ele imaginara a Primeira Era – ser a narrativa composta na sua juventude. Não resta, porém, a menor dúvida de que essa (notabilíssima) narrativa não se presta à inclusão neste livro. Foi escrita no estilo arcaico extremo empregue à época pelo meu pai, incorporando inevitavelmente conceções inconsistentes com o mundo de *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion* na sua forma publicada. O seu lugar é junto do resto da fase mais antiga da mitologia, «O Livro dos Contos Perdidos», ele próprio uma obra de grande substância, e da maior relevância para todos os que se interessem pelas origens da Terra-média, mas que exige, para ser apresentado, um estudo demorado e complexo, se de todo algum dia chegar a sê-lo.

II

O Conto dos Filhos de Húrin

O desenvolvimento da lenda de Túrin Turambar constitui, sob determinados aspetos, o mais intrincado e complexo de todos os elementos narrativos presentes na história da Primeira Era. À semelhança do conto de Tuor e da Queda de Gondolin, remonta ao início dos inícios, e destaca-se por uma narrativa inicial em prosa (um dos últimos «Contos Perdidos») e um longo poema inacabado em verso aliterativo. Mas, enquanto a «versão longa» posterior de *Tuor* nunca chegou muito longe, o meu pai levou a «versão longa» posterior de *Túrin* até muito mais perto da conclusão. Intitula-se *Narn i Hîn Húrin*; e é essa a narrativa apresentada neste livro.

Existem, no entanto, grandes diferenças ao longo do *Narn* em termos do grau em que a narrativa se aproxima de uma forma aperfeiçoada ou final. A secção conclusiva (de «O Regresso de Túrin a Dor-lómin» até «A Morte de Túrin») foi apenas alvo de alterações editoriais marginais; pelo contrário, a primeira secção (até ao final de Túrin em Doriath) exigiu uma medida considerável de revisão e seleção e, em alguns casos, uma ligeira compressão, pelo facto de os textos

originais serem fragmentários e desconexos. Mas o segmento central da narrativa (Túrin entre os fora da lei, Mîm, o Anão-Menor, a terra de Dor-Cúarthol, a morte de Beleg às mãos de Túrin e a vida de Túrin em Nargothrond) constituiu um problema editorial de muito maior dificuldade. O *Narn*, neste caso, encontra-se na sua forma menos finalizada e, aqui e ali, reduz-se a esboços possíveis de desenvolvimento do enredo. O meu pai desenvolvia ainda esta parte quando cessou o seu trabalho sobre ela; e a versão mais curta de *O Silmarillion* haveria de esperar pelo desenvolvimento final do *Narn*. Quando preparei para publicação o texto de *O Silmarillion*, baseei, por necessidade, boa parte deste segmento da história de Túrin nesses mesmos materiais, que possuem uma extraordinária complexidade na sua variedade e relações mútuas.

Para a primeira parte deste segmento central, até ao início da estada de Túrin na residência de Mîm em Amon Rúdh, forjei uma narrativa, de escala semelhante à de outras partes do *Narn*, a partir dos materiais existentes (com uma lacuna, ver p. 117 e nota 12); mas desse ponto em diante (ver p. 126), até à chegada de Túrin a Ivrin, após a queda de Nargothrond, considerei improdutivo tentá-lo. As lacunas no *Narn*, aqui, são demasiado avultadas, podendo apenas ser preenchidas a partir do texto publicado de *O Silmarillion*; mas num Apêndice (pp. 173 e seguintes) citei fragmentos isolados desta parte da projetada narrativa alargada.

Na terceira secção do *Narn* (iniciada com «O Regresso de Túrin a Dor-lómin»), uma comparação com *O Silmarillion* (pp. 275-288) revelará muitas correspondências próximas e mesmo identidade de formulação; ao passo que na primeira secção existem dois trechos extensos que excluí do texto atual (ver p. 78 e nota 1, e p. 86 e nota 2), visto serem variantes próximas de trechos que ocorrem alhures e estarem incluídos n' *O Silmarillion* publicado. Estas sobreposição e relação mútua entre uma e a outra obra podem ser explicadas de diversas formas e a partir de diferentes pontos de vista. O meu pai deleitava-se em recontar em diferentes escalas; mas algumas partes não requeriam tratamento alargado numa versão maior e não era necessário reformular o texto exclusivamente por esse motivo. De novo, quando tudo era ainda fluido e a organização final das distintas narrativas ainda distante, o mesmo trecho podia ser experimentalmente colocado em qualquer uma delas. Mas pode ser encontrada uma explicação a um nível distinto. Lendas como a de Túrin Turambar há muito tinham recebido uma forma poética particular – no caso, a *Narn i Hîn Húrin*, do poeta Dírhavel – e frases ou mesmo passagens inteiras desta obra (especialmente em momentos de grande intensidade retórica, como o discurso de Túrin à sua espada antes da sua morte) seriam preservadas intactas por aqueles que posteriormente produziram condensações da história dos Tempos Antigos (como *O Silmarillion* foi concebido para ser).

SEGUNDA PARTE

I

Descrição da Ilha de Númenor

Embora mais descritivas do que narrativas, incluí seleções da descrição feita pelo meu pai de Númenor, mormente no que se refere à natureza física da Ilha, visto clarificar e acompanhar com naturalidade o conto de Aldarion e Erendis. Esta descrição existia decerto já em 1965, tendo sido provavelmente escrita não muito antes disso.

Redesenhei o mapa a partir de um pequeno esboço rápido, o único de Númenor, ao que parece, alguma vez feito pelo meu pai. Apenas nomes ou características presentes no original foram incluídos no novo desenho. Além disso, o original apresenta mais um porto na Baía de Andúnië, não muito longe, para oeste, da própria Andúnië; o nome é difícil de ler, mas será quase de certeza *Almaida*. O mesmo não ocorre, tanto quanto me é dado saber, em nenhum outro sítio.

II

Aldarion e Erendis

Esta história foi deixada no estado menos desenvolvido de todas as peças desta coleção, tendo ainda requerido, em certos casos, um grau de trabalho editorial que me fez duvidar de que fosse apropriado incluí-la. No entanto, o enorme interesse de que a mesma se revestia enquanto a única história (por oposição a registos e anais) que de todo sobreviveu às longas eras de Númenor antes da narrativa do seu fim (o *Akallabêth*) e a sua qualidade de história singular no seu conteúdo entre os escritos do meu pai convenceram-me de que seria errado omiti-la desta coleção de «Contos Inacabados».

Para apreender devidamente a necessidade de um tal tratamento editorial, há que explicar que o meu pai utilizava amplamente, na composição da narrativa, «esboços de enredo», dedicando atenção meticulosa à datação dos eventos, de modo que esses esboços adquirissem uma aparência semelhante à de entradas de anais numa crónica. No caso presente, existem nada menos do que cinco desses esquemas, variando constantemente na sua completude relativa em diferentes pontos, e não raramente discordando entre si, tanto em termos gerais como em aspetos de pormenor. Estes esquemas, porém, apresentavam a tendência para se deslocarem para a narrativa pura, particularmente através da introdução de passagens curtas em discurso direto; e, no quinto e último dos esboços da história de Aldarion e Erendis, o elemento narrativo é tão pronunciado que o texto acaba por perfazer sessenta páginas manuscritas.

Este movimento de afastamento relativamente a um estilo analítico *staccato* no presente do indicativo em favor de uma autêntica narrativa foi, no entanto, muito gradual, à medida que progredia a escrita do esboço; e, na parte inicial da história, reescrevi grande parte do material, na tentativa de lhe conferir alguma homogeneidade estilística. Este ato de reescrita constitui uma mera questão de formulação, nunca alterando substancialmente o sentido nem introduzindo elementos menos autênticos.

O «esquema» mais tardio, e principal texto seguido, intitula-se *A Sombra da Sombra: A História da Esposa do Marinheiro; e o Conto da Rainha Pastora*. O manuscrito termina abruptamente, e não consigo propor uma explicação cabal para o facto de o meu pai o ter abandonado. Um texto datilografado até este ponto foi completado em janeiro de 1965. Existe igualmente um texto datilografado de duas páginas que julgo ser o último destes materiais; representa manifestamente o início daquilo que viria a ser uma versão acabada da totalidade da história, e fornece o texto das pp. 198-199 deste livro (onde os esboços de enredo se revelam mais escassos). Intitula-se *Indis i-Kiryamo, «A Esposa do Marinheiro»: uma história da antiga Númenórë, onde se fala do primeiro rumor da Sombra*.

No final desta narrativa (p. 231), expus as escassas indicações que podem ser apresentadas relativamente ao curso subsequente da história.

III

A Linhagem de Elros: Reis de Númenor

Embora, em termos formais, constitua um mero registo dinástico, incluí esta lista pelo facto de constituir um documento importante para a história da Segunda Era e ainda por uma boa parte do material remanescente relativo a essa Era ter o seu lugar nos textos e comentários deste livro. É um belo manuscrito, no qual as datas dos Reis e Rainhas de Númenor e respetivos reinados foram copiosamente e por vezes obscuramente emendados: procurei conferir-lhes a formulação mais recente. O texto apresenta diversos enigmas cronológicos menores, mas permite igualmente a clarificação de alguns erros aparentes presentes nos Apêndices de *O Senhor dos Anéis*.

O quadro genealógico das primeiras gerações da Linhagem de Elros foi retirado de diversos outros proximamente relacionados e derivados do mesmo período que o da discussão das leis sucessórias em Númenor (pp. 234-236). Existem algumas variantes ligeiras em nomes menores: assim, *Vardilmë* ocorre igualmente sob a forma de *Vardilyë*, e *Yávien* como *Yávië*. Julgo que as formas apresentadas no meu quadro serão posteriores.

IV

A História de Galadriel e Celeborn

Esta secção do livro difere das outras (com exceção das da Quarta Parte) pelo facto de não existir aqui um texto individual, mas antes um ensaio incorporando citações. Este tratamento foi reforçado pela natureza dos materiais; como se deixa bem claro no decurso do ensaio, uma história de Galadriel não pode senão constituir uma história das concessões mutáveis do meu pai, e a natureza «inacabada» do conto não é, neste caso, a de uma peça particular de escrita. Restringi-me à apresentação dos seus escritos não publicados sobre o tema, renunciando a qualquer discussão das questões mais amplas subjacentes ao desenvolvimento, uma vez que tal implicaria ponderar toda a relação entre os Valar e os Elfos, a partir da decisão inicial (descrita em *O Silmarillion*) de convocar os Eldar para Valinor, à parte muitas outras questões, relativamente às quais o meu pai escreveu muito material que extravasa o âmbito deste livro.

A história de Galadriel e Celeborn está tão entretecida com outras lendas e histórias – de Lothlórien e os Elfos Silvestres, de Amroth e Nimrodel, de Celebrimbor e o fabrico dos Anéis do Poder, da guerra contra Sauron e da intervenção númenóreana – que não pode ser tratada isoladamente, pelo que esta secção do livro, juntamente com os seus cinco Apêndices, reúne virtualmente todos os materiais não publicados relativos à história da Segunda Era na Terra-média (e a discussão prolonga-se, aqui e ali, inevitavelmente para a Terceira). Diz-se na Crónica dos Anos apresentada no Apêndice B de *O Senhor dos Anéis*: «Esses foram anos negros para os Homens da Terra-média, mas anos de glória para Númenor. Dos eventos na Terra-média, os registos são escassos e breves, e as suas datas frequentemente rodeadas de incerteza.» Mas até mesmo esse pouco que sobreviveu dos «anos negros» se alterou à medida que a observação do mesmo por parte do meu pai cresceu e mudou; e eu não realizei qualquer tentativa de atenuar inconsistências, antes as expondo e destacando.

Versões divergentes não necessitam, na verdade, de ser tratadas unicamente como uma questão de determinação da prioridade de composição; e o meu pai, enquanto «autor» ou «inventor», nem sempre pode, nestas matérias, ser distinguido do «registador» de tradições antigas transmitidas de diversas formas entre diferentes povos ao longo de eras extensas (por exemplo, quando Frodo se encontrou com Galadriel em Lórien, mais de seis séculos tinham já decorrido desde que esta se deslocara para leste, transpondo as Montanhas Azuis a partir das ruínas de Beleriand). «Sobre isto duas coisas se dizem, embora qual seja verdade só o saibam dizer os Sábios agora já desaparecidos.»

Nos seus últimos anos, o meu pai escreveu extensamente sobre a etimologia dos nomes na Terra-média. Nestes ensaios muito discursivos está embutida uma boa dose de história e lenda; mas, sendo complementar do principal propósito filológico, e apresentada, por assim dizer, de passagem, exigiu uma análise aprofundada. É por essa razão que esta parte do livro é, em grande medida, constituída por citações curtas, sendo o material posterior do mesmo tipo colocado nos Apêndices.

TERCEIRA PARTE

I

O Desastre dos Campos de Lis

Esta é uma narrativa «tardia» – qualificativo com que pretendo significar nada mais, na ausência de quaisquer indicações de uma data precisa, do que pertencer ao período final da escrita do meu pai sobre a Terra-média, a par de «Cirion e Eorl», «As Batalhas dos Vaus do Isen», «Os Drúedain» e os ensaios filológicos cujos excertos integram «A História de Galadriel e Celeborn», e não ao período da publicação de *O Senhor dos Anéis* e anos subsequentes. Existem duas versões: uma versão datilografada grosseira do todo (manifestamente o primeiro estágio da composição), e uma boa versão datilografada incluindo muitas alterações, que se interrompe no momento em que Elendur urge Isildur a fugir (p. 303). Neste caso, a mão editorial pouco teve a fazer.

II

Cirion e Eorl e a Amizade entre Gondor e Rohan

Considero que estes fragmentos deverão pertencer ao mesmo período que «O Desastre dos Campos de Lis», quando o meu pai estava deveras interessado na história anterior de Gondor e Rohan; o objetivo deveria ser, sem dúvida alguma, que formassem partes de uma história substancial, desenvolvendo em pormenor as descrições sumárias apresentadas no Apêndice A de *O Senhor dos Anéis*. O material encontra-se no primeiro estágio de composição, consideravelmente desordenado, cheio de variantes, interrompendo-se em garatujas rápidas parcialmente ilegíveis.

III

A Demanda de Erebor

Numa carta datada de 1964, o meu pai afirmava:

Existe, claro, um número considerável de ligações entre *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* que não se encontram claramente definidas. Foram, na sua maior parte, escritas ou esboçadas, mas eliminadas com o fito de aligeirar o barco. É o caso das viagens exploratórias de Gandalf e das suas relações com Aragorn e Gondor; de todos os movimentos de Gollum, até encontrar refúgio em Moria; e assim por diante. Na verdade, redigi um relato completo acerca do que realmente aconteceu antes da visita de Gandalf a Bilbo e da subsequente «Festa Inesperada», na perspetiva do próprio Gandalf. Deveria ter entrado no decorrer de uma conversa retrospectiva em Minas Tirith; mas teve de ser abandonado, e encontra-se representado apenas de forma breve no Apêndice A, pp. 358-360, embora se omitam as dificuldades experimentadas por Gandalf junto de Thorin.

Este relato feito pelo próprio Gandalf é apresentado aqui. A complexa situação textual é descrita no Apêndice à narrativa, onde forneci extratos substanciais provenientes de uma versão anterior.

IV

A Caça ao Anel

Muito foi escrito a propósito dos eventos do ano 3018 da Terceira Era, também conhecidos a partir da Crónica dos Anos e dos relatórios de Gandalf e outros ao Conselho de Elrond; e esses escritos são, claramente, aqueles referidos como «esboçados» na carta há pouco citada. Dei-lhes o título de «A Caça ao Anel». Os manuscritos em si, que se encontravam numa grande confusão, que dificilmente poderá ser considerada excecional, são suficientemente descritos na p. 370; mas a questão da sua datação (visto que considero que todos, e ainda os de «A Respeito de Gandalf, Saruman e o Shire», apresentados como o terceiro elemento desta secção, derivam do mesmo período) pode ser mencionada aqui. Foram escritos após a publicação de *O Senhor dos Anéis*, visto incluírem referências à paginação do texto impresso; diferem, porém, nas datas que apresentam para determinados eventos relativamente às que são apresentadas na Crónica dos Anos do Apêndice B. A explicação reside claramente no facto de terem sido escritos após a publicação do primeiro volume, mas antes da do terceiro, que contém os Apêndices.

V

As Batalhas dos Vaus do Isen

Este texto, juntamente com a descrição da organização militar dos Rohirrim e da história de Isengard, apresentadas num Apêndice ao texto, tem a ver com outros textos posteriores de análise histórica pura e dura; apresentou relativamente pouca dificuldade do tipo textual, e só se pode considerá-lo inacabado no sentido mais óbvio.

QUARTA PARTE

I

Os Drúedain

Perto do final da sua vida, o meu pai revelou bastante mais acerca dos Homens Selvagens da Floresta do Drúadan, em Anóríen, e das estátuas dos Homens-Púkel na estrada para o Refúgio Sagrado. A descrição aqui apresentada, que refere os Drúedain de Beleriand da Primeira Era e inclui a história de «A Pedra Fiel», foi retirada de um longo, discursivo e inacabado ensaio dedicado essencialmente às relações mútuas entre as linguagens da Terra-média. Como se verá, os Drúedain viriam a ser trazidos de volta à história das primeiras Eras; mas disso não existem necessariamente vestígios em *O Silmarillion* publicado.

II

Os Istari

Pouco depois da aceitação para publicação de *O Senhor dos Anéis*, propôs-se a necessidade da existência de um índice no final do terceiro volume, e parece que o meu pai terá começado a trabalhar nele no verão de 1954, após os primeiros dois volumes terem seguido para o prelo. Escreveu sobre o tema numa carta de 1956: «Pensou-se na criação de um índice onomástico, o qual, através da interpretação etimológica, providenciaria igualmente um vocabulário élfico bastante extenso... Trabalhei nele meses a fio, e indexei os primeiros dois volumes (essa foi a causa principal do atraso do Volume III), até se tornar claro que a dimensão e o custo seriam ruinosos.»

Na sequência dessas dificuldades, não existiu, portanto, índice em *O Senhor dos Anéis* até à segunda edição em 1966, mas o esboço original do meu pai foi preservado. Dele derivei o plano do meu índice para *O Silmarillion*, com

tradução de nomes e breves enunciados explicativos, e também, tanto no índice como no livro em si, algumas das traduções e a formulação de algumas das «definições». Essa constitui também a origem do «ensaio sobre os Istari», com o qual tem início esta secção do livro – uma entrada totalmente incharacterística do índice original pela sua extensão, embora, por outro lado, bem característica da forma como o meu pai frequentemente trabalhava.

Relativamente às outras citações apresentadas nesta secção, incluí no texto propriamente dito as indicações possíveis sobre datas.

III

As Palantíri

Para a segunda edição de *O Senhor dos Anéis* (1966), o meu pai introduziu emendas substanciais numa passagem de *As Duas Torres* III 11, «A Palantír» (edição em três volumes, p. 243), e algumas outras no mesmo sentido em *O Regresso do Rei* V 7, «A Pira de Denethor» (edição citada, p. 155), não obstante essas emendas não terem sido incorporadas no texto até à segunda impressão da edição revista (1967). Esta secção do presente livro decorre de escritos sobre as *palantíri* associados a esta revisão; limitei-me a reuni-los num ensaio contínuo.

* * *

O Mapa da Terra-média

A minha primeira intenção era incluir neste livro o mapa que acompanha *O Senhor dos Anéis*, acrescentando-lhe outros nomes; mas, após alguma reflexão, afigurou-se-me mais adequado copiar o meu mapa original e aproveitar a oportunidade para corrigir alguns dos seus defeitos de pequena monta (corrigir os maiores ultrapassaria a minha margem de manobra). Redesenhei-o, então, com razoável exatidão, numa escala duas vezes menor (isto é, o novo mapa tem metade das dimensões publicadas do antigo). A área apresentada é mais reduzida, mas as únicas representações que se perdem são as dos Portos de Umbar e do Cabo de Forochel*. Tal permitiu uma legendagem diferente e maior, com um ganho considerável em clareza.

* Tenho, atualmente, poucas dúvidas de que as águas assinaladas no meu mapa original como «A Baía de Gelo de Forochel» não eram afinal senão uma pequena parte da baía (referida em *O Senhor dos Anéis*, Apêndice A, I, iii, como «imensa»), a qual se estendia consideravelmente

Todos os topónimos de maior importância que ocorrem neste livro, mas não em *O Senhor dos Anéis*, são incluídos, como, por exemplo, *Lond Daer*, *Drúwaith Iaur*, *Edhellond*, os *Baixios* ou *Cinzalin*; e alguns outros que poderiam, ou deveriam, ter sido apresentados no mapa original, tais como os rios *Harnen* e *Carnen*, *Annúminas*, *Eastfold*, *Westfold* e as *Montanhas de Angmar*. A inclusão errónea de *Rhudaur* isoladamente foi corrigida pela adição de *Cardolan* e *Arthedain*, e representei a pequena ilha de *Himling* ao largo da distante costa noroeste, que aparece num dos esboços cartográficos do meu pai, bem como no meu próprio primeiro esquisso. *Himling* era a primeira forma de *Himring* (o grande monte sobre o qual Maedhros, filho de Fëanor, tinha a sua fortaleza em *O Silmarillion*) e, pese embora não ser referido em nenhum local, é bem claro que o cume do *Himring* se erguia sobre as águas que cobriam a *Beleriand* submersa. Um pouco para oeste encontrava-se uma ilha de maiores dimensões, denominada *Tol Fuin*, que deveria ser a parte mais alta de *Taur-nu-Fuin*. Em termos gerais, mas não em todos os casos, preferi o nome sindarin (se conhecido), mas apresentei em geral também o nome traduzido, sempre que este fosse muito usado. É de notar que «O Ermo Setentrional», assinalado no cimo do meu mapa original, parece, na verdade, ter sido pensado como equivalente de *Forodwaith**.

Considereei desejável assinalar a todo o comprimento a Grande Estrada que ligava Arnor a Gondor, embora o seu percurso entre Edoras e os Vaus do Isen seja meramente conjectural (tal como, de resto, a localização exata de *Lond Daer* e *Edhellond*).

Por último, gostaria de realçar que a preservação exata do estilo e pormenor (com exceção da nomenclatura e legendagem) do mapa que desenhei apressadamente há vinte e cinco anos não reivindica qualquer tipo de excelência quer na sua conceção quer na sua execução. Há muito que lamento que o meu pai não o tenha substituído por outro saído do seu punho. Acabou por acontecer, porém, transformar-se, pesem embora os seus defeitos e peculiaridades, em «o Mapa», e o meu pai, ele próprio, utilizou-o sempre desde então como base

para nordeste: as suas costas setentrional e ocidental eram formadas pelo grande Cabo de Forochel, cujo cume, sem nome atribuído, aparece no meu mapa original. Num dos esboços cartográficos do meu pai, apresenta-se a costa setentrional da Terra-média estendendo-se segundo uma grande curva leste-norte-leste a partir do cabo, situando-se o ponto mais setentrional a umas 700 milhas a norte de Carn Dûm.

* O termo *Forodwaith* ocorre uma única vez em *O Senhor dos Anéis* (Apêndice A, I, iii), referindo-se aí a antigos habitantes das Terras do Norte, dos quais os Homens da Neve de Forochel eram um resquício; mas a palavra sindarin (*g*)*waith* era utilizada relativamente a ambas as regiões e aos povos que as habitavam (cf. *Enedwaith*). Num dos esboços cartográficos do meu pai, *Forodwaith* parece equivaler explicitamente a «Ermo Setentrional», sendo noutro traduzido por «Terra do Norte».

de trabalho (embora fazendo notar com frequência as suas inadequações). Os diversos esboços cartográficos que desenhou, dos quais derivei o meu, constituem agora uma parte da história da escrita de *O Senhor dos Anéis*. Pareceu-me, por isso, apropriado, no que à minha contribuição para estes temas diz respeito, manter o meu desenho original, visto representar, ao menos, a estrutura das concepções do meu pai com fidelidade tolerável.